

LOCAL

**AUTARQUIA SADINA  
PRESSIONA DATAREDE  
COM IDA A TRIBUNAL**

Pág. 8

DESPORTO

**GD SESIMBRA REGRESSA  
À ELITE NACIONAL  
NO FUTEBOL DE PRAIA**

Pág. 10



EVENTOS

**MOITA ENGALANA-SE  
PARA HONRAR NOSSA  
SENHORA DA BOA VIAGEM**

Pág. 14



+ Região

Diretor  
Raul Tavares

Semanário  
Região de Setúbal

Edição n.º 1314  
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O  
**Expresso**

Sexta-feira  
**12 setembro**  
**2025**  
0,50

# semmais

**PRAZO DE  
ENTREGA  
DE NAVIOS  
ELETRICOS  
COM ATRASO  
DE TRÊS ANOS**

Pág. 4

**UM TERÇO  
DA POPULAÇÃO  
DO LITORAL  
SEM MÉDICOS  
DE FAMÍLIA**



Pág. 4

**ENTREVISTA**

**LÍDER DA UGT  
SETÚBAL ALERTA  
PARA PERIGOS  
DAS NOVAS  
LEIS LABORAIS**



Pág. 12

**RECUPERAÇÃO DO ONDAPARQUE E PALÁCIO DO REI DO LIXO**

## 'ELEFANTES BRANCOS' COM SOLUÇÃO À VISTA'



Câmara de Almada admite que o Ondaparque volte a funcionar como estância de lazer ou outra, mas será preciso construir novos acessos. A Torre do Rei do Lixo pode passar para a posse do município do Barreiro. Sobre o Hotel Muxico, no Seixal, ainda pouco se sabe. **Pág. 2**

**SETÚBAL INVESTE  
MAIS DE 22 MILHÕES  
DE EUROS NO BAIRRO  
AFONSO COSTA**

Projeto insere-se na estratégia local de habitação, prevê a intervenção em 308 fogos, no interior das casas e na substituição de infraestruturas.

Pág. 8

**POLITÉCNICO INOVA  
COM SOLUÇÕES  
PARA PREVENIR  
INCÊNDIOS**

A ideia produzida pela dupla Tomás e Francisco Cerveira, foi lançada no Poliemprende e recorrer à inteligência artificial. IPS ganhou um 2.º lugar.

Pág. 5

**"UAU!" SESIMBRA  
PROMETE VIR  
A REVOLUCIONAR  
COMÉRCIO LOCAL**

Município e AHRESP estão a implementar uma ferramenta digital que vai impulsionar a atividade económica. São 900 mil euros de investimento.

Pág. 8



**ATÉ ONDE  
VAI O TEU  
LIMITE?**

O talento é o teu  
ponto de partida.

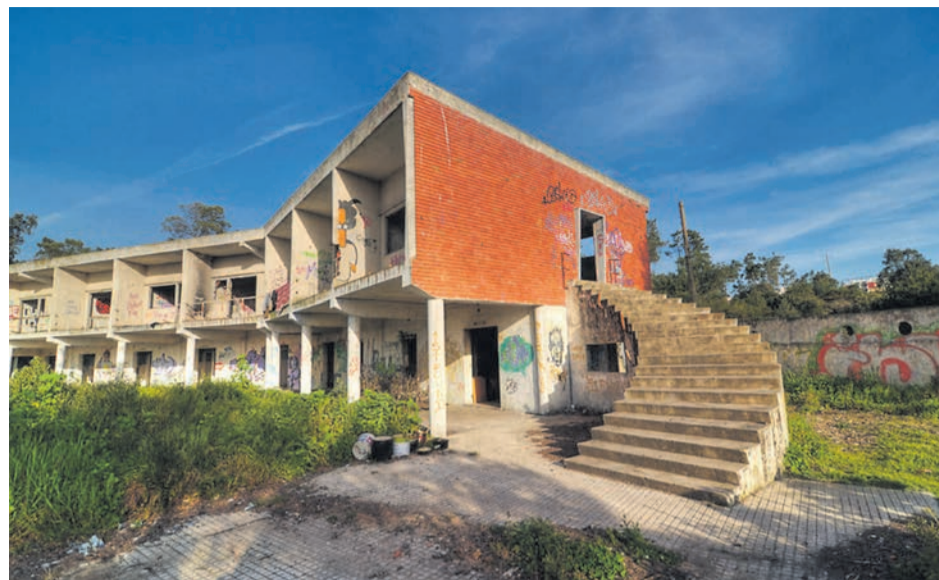


WWW.IPS.PT | ESTUDAR@IPS.PT



PUBLICIDADE

ONDAPARQUE E PALÁCIO DO REI DO LIXO PODEM SER RECUPERADOS. DO HOTEL MUXICO NADA SE SABE



## Solução à vista para dois dos três 'elefantes brancos'

Câmara de Almada admite que o Ondaparque volte a funcionar como estância de lazer ou outra, mas será preciso construir novos acessos. A Torre do Rei do Lixo pode passar para a posse do município do Barreiro. Sobre o Hotel Muxico, no Seixal, nada se sabe.

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO

**ENCERRADO** desde 1996, o Ondaparque, um dos maiores divertimentos aquáticos edificadas em Portugal, continua votado ao abandono apesar dos anúncios recorrentes da sua reabilitação. Localizado em terrenos da freguesia da Trafaria, no concelho de Almada, este é apenas um dos três grandes 'elefantes brancos' do distrito. Obras grandiosas que por motivos diferentes fecharam portas há décadas e agora não passam de ruínas. O Semmais tentou saber o que se passa e apresenta também as histórias do Palácio do Rei do Lixo, em Coina, Barreiro, e do Hotel Muxico, na Amora Seixal.

"Não vejo como se possa resolver a breve trecho o problema do Ondaparque", diz ao nosso jornal o presidente da Junta de Freguesia da Costa da Caparica, entidade que foi sempre utilizada para "vender" o parque aquático instalado no limite dos seus terrenos.

"Trata-se de uma estrutura muito grande, três vezes maior do que a parte onde estão os escorregas e as piscinas, mas que é servida apenas por uma estrada, a partir da localidade de Pêra. Um dos grandes problemas é precisamente o da segurança. Da prontidão dos socorros em caso de necessidade. Depois também há questões relacionadas com os licenciamentos para construção em área protegida", esclarece José Ricardo.

Encerrado em 1996, oito anos após ter sido inaugurado com pompa e circunstância, atraindo milhares de veraneantes e transformado em palco de diversos espetáculos musicais e de festas de clubes desportivos, os cerca de 1.570 hectares da Quinta das Brielas come-

çaram a enfrentar dificuldades quando, na sequência de dois acidentes mortais ocorridos numa estrutura idêntica, em Lisboa, foram exigidas obras de grande dimensão e custos. Sem a respetiva capacidade financeira nem o golpe de asa que lhe permitisse transformar o local, o proprietário, Libório Temporão, acabou por ver gorada a sua aposta.

O proprietário, que em tempos até terá acordado em vender o espaço (os terrenos seriam transacionados por uma quantia a rodar os seis milhões enquanto os trabalhos a executar poderiam ascender a mais nove), quer agora voltar a dar-lhe vida, mantendo-o como parque aquático, mas também como estância hoteleira, com áreas de restauração, espaços verdes e bares.

Segundo o que o nosso jornal apurou, junto de uma fonte da autarquia almadense, "relativamente ao espaço do então Ondaparque não existem intenções concretizadas pelo proprietário para o terreno em causa. O processo não regista movimentos posteriores a 2012. Não obstante, em sede de revisão do Plano Diretor Municipal de Almada, têm sido feitos contactos com o proprietário no sentido de poder vir a ser implementado um uso turístico".

### MUXICO: DE HOTEL DE LUXO À RUÍNA E AO LIXO

Problemas financeiros são também a explicação para o desaparecimento do Hotel Muxico, um empreendimento de luxo que nasceu na década de 1950 na freguesia da Amora, Seixal, e que acabou por não sobreviver à morte, em 1999, da multimilionária jugoslava que então ainda acalentava a esperança de lhe retomar o fausto e brilho iniciais.

Em 1956, localizado próximo da A10, uma estrada privilegiada, que fazia a ligação entre Lisboa e o Algarve e a curta distância da Praia da Fonte da Telha, o Muxico, propriedade da Lino&Zumbarra, estava no topo do luxo da hotelaria nacional. Tinha a primeira piscina olímpica (50 metros) inaugurada em Portugal, hectares de mata e trilhos para motociclistas, uma discoteca, 13 moradias, um motel, um restaurante, campos de ténis e até uma pequena praça de touros. As classes mais abastadas faziam ali as suas férias e encontros. Tudo parecia correr a preceito só que, em 1973, um dos sócios (Zumbarra) faleceu e os problemas financeiros começaram a acumular-se.

O empreendimento acabou por ser vendido à empresária jugoslava Gordana Bayloni, que de imediato começou a trabalhar em projetos ainda mais arrojados, planeando construir mais um hotel, mais vivendas e até um centro comercial.

Mas tudo não passou de um sonho. A construção da Ponte Salazar afastou muito trânsito e clientes daquele local. Depois, veio a revolução de Abril de 1974 e a ocupação daquele espaço por um grupo revolucionário. Diz-se que tudo o que havia de valor no interior acabou por desaparecer. A aposta no turismo esmoreceu e, em 1999, com a morte da proprietária legítima, já não havia capacidade de voltar a investir no edificado, que foi sendo destruído.

Hoje, depois de já se ter tentado ali instalar um infantário, não passa de um espaço arruinado, com as paredes restantes todas pintadas. Se há interessados em adquirir o local, não se sabe. O Semmais contactou a Junta de Freguesia da Amo-

ra, que informou que, por se tratar de um caso de urbanismo, o mesmo é da total responsabilidade da câmara do Seixal. Da edilidade, apesar das diversas tentativas, também não houve qualquer resposta.

### CÂMARA DO BARREIRO QUER O PALÁCIO DO REI DO LIXO

Nasceu com o dinheiro amealhado na recolha do lixo é em lixo que atualmente quase se encontra. O Palácio do Rei do Lixo, também conhecido por Torre de Coina ou Torre do Inferno, é um edifício imenso que se encontra em ruínas há cerca de 60 anos. Com vários pisos e uma área imensa, foi até 1943 uma prova de riqueza do empresário Manuel Martins Gomes Júnior, um homem que fez fortuna a engordar porcos com o lixo que recolhia em Lisboa e que transportava em barcaças pelo Tejo até à herdade onde tinha os animais.

"Trata-se de um edifício que está num terreno privado e em que a câmara do Barreiro se encontra muito interessada", explicou o vice presidente do município, Rui Braga. Iniciadas há dois anos, as conversações com a família Xavier de Lima ainda não chegaram a bom porto, sendo que é intenção da atual vereação poder tomar conta do edifício e transformá-lo numa atração que tanto pode ser turística como de utilidade concelhia.

Os obstáculos existentes têm a ver com um eventual acordo entre a autarquia e os proprietários (ligados à construção civil). A câmara não pretende desembolsar qualquer soma, mas prontifica-se, de acordo com proposta já formalizada, a ceder contrapartidas relativas a taxas urbanísticas.

O edifício em causa foi construído com a fortuna amealhada por Manuel Gomes Júnior, que cismou, ainda no século XIX, em ser rico. Foi marçano, comprou um moinho que ardeu e do qual recebeu uma indemnização, comprou uma pequena propriedade, emprestou dinheiro a juros e acabou por anexar os terrenos dos devedores aos seus. Com espaço, lançou-se então na criação de porcos. Alimentava os animais com o lixo doméstico vindo de Lisboa. Fazia o transporte em cinco barcaças, que batizou com os nomes de Mafarrico, Lúcifer, Demónio, Satanás e Belzebu, nomes esses que levaram a que posteriormente tivessem chamado à sua casa a Torre do Inferno. ■

UTENTES DE SINES DIZEM SER NECESSÁRIAS HABITAÇÕES PARA MAIS 10 MIL TRABALHADORES

# Autarquia local acusa IP de atrasar construção de casas há mais de 20 anos

O crescimento industrial é uma realidade, tal como o aumento dos alugueres e da construção. Câmara quer fixar profissionais especializados e entende que os investidores devem também promover a habitação para os seus funcionários.

**TEXTO** JOSÉ BENTO AMARO

O PORTO de Sines continua a aumentar a sua capacidade para receber grandes navios provenientes de todo o mundo, ao mesmo tempo que várias empresas, nomeadamente as relacionadas com o armazenamento de dados e pelo menos uma fábrica de lítio, ultimam a sua instalação. Estima-se que a cidade venha a ter, nos próximos dois a três anos, cerca de 10 mil novos residentes. Um número que assusta a Comissão dos Utentes dos Serviços Públicos local, que critica a falta de habitação. A câmara municipal não concorda com os receios expressos, mas diz que algumas carências poderiam ser resolvidas caso, por exemplo, entidades como a Infraestruturas de Portugal (IP) concretizassem projetos para os quais têm aprovação há mais de 20 anos.

“Há mais progressão e mais empresas e isso requer a existência de mais habitação para as cerca de 10 mil pessoas que virão trabalhar para Sines. Mas até ver, relativamente à construção de mais casas, o que temos são apenas promessas da câmara municipal”, diz ao Semmais o representante da Comissão de Utentes, Jorge Brites, lembrando que atualmente o aluguer de um apartamento T2 (uma

sala e dois quartos) pode custar até 700 euros mensais. “É um valor muito elevado e que nem todos podem suportar. Diria que só está ao alcance dos operários especializados, que têm vencimentos até aos 1.800 a 2.000 euros. Os outros ganham um pouco mais de 1.000”, acrescenta.

Ao Semmais o presidente da autarquia, Nuno Mascarenhas, diz que “o problema da habitação não é uma particularidade de Sines, mas sim um problema de âmbito nacional”. “Com a elevada procura que Sines regista, de facto verificou-se um aumento significativo dos preços do arrendamento e da venda de imóveis. No caso da venda, para além da enorme procura, os preços de construção escalaram desde a pandemia, o que veio a agravar o problema”, refere.

Nuno Mascarenhas diz também que “quem acredita que o problema da habitação se vai resolver por via das autarquias locais, está completamente enganado, porque as mesmas não têm essa capacidade”. De acordo com o autarca, nos últimos anos terão sido colocados em hasta pública terrenos municipais que se destinam à construção de mais de 200 fogos para habita-



## Denúncias sobre estrangeiros a residir em barracões

O representante da Comissão de Utentes, Jorge Brites, disse ao nosso jornal que outro dos problemas prementes da cidade tem a ver com a falta de habitação para muitos dos estrangeiros que atualmente trabalham no setor da pesca, mas também da construção civil. Diz que muitos dormem em barracões abandonados e outros ocupam em grupos de três e quatro, quartos que conseguem alugar. “Temos milhares de trabalhadores estrangeiros na região. Quando existe conhecimento de situações dessa natureza, deve-se concretizar o que se está a falar em concreto e fazer a denúncia às autoridades”, diz Nuno Mascarenhas, frisando que “a câmara, juntamente com a Autoridade Local de Saúde, a GNR, a ASAE e a ACT, já levaram a cabo diversas ações de fiscalização conjuntas”.

ção. “Temos mais de uma centena de projetos privados e a nível municipal está programada a construção de mais 18 fogos para arrendamento acessível, que se traduz num investimento de cerca de quatro milhões de euros”, diz o autarca, acrescentando que está em marcha um projeto para a construção de habitação destinada à “fixação de profissionais de profissões essenciais, como sejam os profissionais de saúde, professores, forças de segurança e de proteção civil”.

“As Infraestruturas de Portugal têm, há mais de 20 anos, um loteamento aprovado para cerca de 170 fogos. Mas não desenvolvem o projeto nem o vendem a nenhum dos vários interessados que surgiram”, conta ainda Nuno Mascarenhas, alertando para a necessidade de o Estado cumprir com a parte que lhe compete na promoção da habitação. “É incompreensível que uma empresa pública mantenha um projeto, numa entrada da cidade, por tanto tempo na gaveta”, denuncia.

Para o autarca também é fundamental para minorar os problemas da falta de casas que os investidores que chegam ao concelho “se empenhem na provisão de habitação, de modo a fixar os trabalhadores”. “Nem sequer é inédito. Nos anos 70 e 80 quer a GALP, quer a EDP, quer a Administração do Porto foram promotores da habitação para os seus trabalhadores. Temos de regressar a esse modelo”, afirma. ■

## 7 DIAS

### INÊS CARVALHO EMBAIXADORA DOS TERRITÓRIOS VINHATEIROS

Inês Carvalho, Rainha da Festa das Vindimas de Palmela 2024, foi consagrada como embaixadora dos Territórios Vinhateiros de Portugal 2025, na Gala da Eleição realizada em Vila Viçosa, no passado sábado. Em nota, o município revela que a jovem destacou-se “pela simpatia, presença em palco e conhecimento sobre o território vinhateiro da região”.

### NOVA GREVE NO TERMINAL XXI DO PORTO DE SINES

Trabalhadores da PSA Sines e LaborSines voltam à greve, entre os 22 e 26 deste mês, no Terminal XXI do porto de Sines. Fonte do Sindicato das Indústrias, Energia, Serviços e Águas de Portugal

### 600 PEREGRINOS DA DIOCESE DE SETÚBAL EM COMPOSTELA



Cerca de 600 peregrinos da Diocese de Setúbal estiveram na Missa do Peregrino, presidida pelo bispo D. Américo Aguiar, na Catedral de Santiago de Compostela no último domingo. A homilia presidida pelo Cardeal marcou o fim da segunda Peregrinação Jubilar Diocesana, promovida no âmbito das comemorações dos 50 anos da fundação da diocese.

(SIEAP) explicou terça-feira à Lusa que o pré-aviso de greve parcial abrange quatro horas por turno, totalizando uma paragem diária de 12 horas. Este período de greve - a terceira paralisação convocada desde maio -, tem como objetivo reivindicar a melhoria das condições laborais, como a evolução das carreiras e o horário de trabalho.

### NRP SAGRES RECEBE CERCA DE 5 MIL VISITANTES EM DOIS DIAS

O NRP Sagres, que fez escala no Cais 2 do porto de Setúbal, entre 6 a 8 de setembro, foi visitado, de acordo com a infraestrutura portuária, por “cerca de cinco mil visitantes” no passado fim-de-semana. “A todos os que participaram nesta experiência, o nosso agradecimento por ajudarem a valorizar a tradição e a cultura marítima, no coração do Porto de Setúbal”, destaca a mesma nota do porto.



*Só com mais agentes na rua conseguimos garantir a segurança que desejamos, sendo esta uma exigência justa que temos vindo a fazer ao longo deste mandato*

**André Martins,** presidente da câmara de Setúbal na apresentação do Bairro Comercial Digital “Setúbal Connect”.

# Prazo de entrega de navios elétricos já foi ultrapassado em três anos

Ninguém explica o atraso e ninguém sabe quando chega a última das dez embarcações adquiridas num processo que envolve mais de 96 milhões. Das quatro estações de carregamento elétrico apenas duas foram construídas.

**SÃO JÁ TRÊS** os anos de atraso registados na entrega da totalidade dos navios de propulsão elétrica destinados a unir Lisboa aos concelhos ribeirinhos da margem Sul do Tejo. Das 10 embarcações que foram compradas a um fabricante espanhol (Galiza), chegaram nove. Destas, à data, só quatro estão operacionais. Ninguém sabe quando chega o navio em falta e quando estará apta a navegar a totalidade da frota. Das ligações previstas, apenas funciona a que liga o Cais do Sodré, em Lisboa, ao Seixal.

“Neste momento, dos nove navios entregues, apenas quatro estão a funcionar. Os restantes têm avarias diversas, que vão desde a estrutura, ao sistema elétrico e ao software. Os trabalhadores da Transtejo/Softlusa gostariam de saber quais os reais problemas e para quando se prevê que as reparações estejam concluídas, mas infelizmente nem a empresa nem o Estado dão qualquer informação. Também não revelam os termos do contrato de aquisição e, por isso, ninguém sabe, por exemplo, quando chegará a embarcação em falta ou quando estarão concluídos



os postos de carregamento”, disse ao Semmais o dirigente do Sindicato dos Trabalhadores de Terra, Marinha Mercante, Agências de Viagens, Transitários e Pecas (SIMAMEVIP), Paulo Lopes.

Mesmo que os nove navios já entregues estivessem todos operacionais, não haveria hipótese de os colar a navegar entre Lisboa e os cais existen-

tes no Seixal, Montijo e Barreiro. É que em cada um destes lados estava prevista a instalação de um posto de carregamento específico. Inicialmente a transportadora e o Ministério do Ambiente tinham anunciado uma verba de 14,4 milhões para estes equipamentos mas, até agora, apenas foram instalados os de Lisboa e Seixal. “Entre todas as linhas só não existi-

ria um posto de carregamento no Barreiro, que continuaria a operar com as embarcações tradicionais. No entanto, o que agora se passa é que os restantes percursos, para poderem cumprir uma parte do estipulado, têm de juntar embarcações antigas às elétricas”, diz o sindicalista.

Paulo Lopes refere também que é a falta de resposta

da administração da empresa e do Estado que faz com que até hoje ninguém saiba porque é que apenas o “Lisbonense”, um dos dois ferry boats comprados em 2010 (cerca de 14 milhões), está em funcionamento (Belém/Porto Brandão/Trafaria). “O outro ferry, o “Almadense”, também construído pela Martinfer, nunca funcionou e está encostado na zona da Lisnave. “O que está no ativo também esteve muito tempo parado. Dizia-se que era um problema no eixo”.

Ao nosso jornal fonte ministerial conhecedora do processo de aquisição adiantou que o entrave se deve “basicamente à falta de verbas” e também “aos problemas surgidos quando da aquisição, uma vez que inicialmente as baterias elétricas não faziam parte do contrato”. Concebidos para diminuir os problemas ambientais, os navios foram negociados pelo Governo em 2018, ficando então estipulado que as entregas seriam efetuadas em 2020 e o final de 2022. O negócio total ultrapassa os 96,8 milhões. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

# Um terço da população do Litoral não tem médico de família

A maternidade continua a ser uma necessidade adiada e as crianças continuam a nascer a 100 quilómetros de distância ou na beira da estrada.

**UM TERÇO** dos residentes nos concelhos do Litoral Alentejano não têm médico de família. Ao todo são mais de 27.000 as pessoas com dificuldades em aceder aos cuidados de saúde primários. A denúncia é da Coordenadora das Comissões de Utentes da região que, em declarações ao nosso jornal, revela ainda que há especialidades clínicas onde, para se fazer uma cirurgia, é necessário ‘encomendar’ um médico a Lisboa.

“Falta gente em todas as áreas e especialidades. Enfermeiros, por exemplo, são cerca de uma centena em falta. Mas até falta pessoal nos serviços admi-

nistrativos dos centros de saúde. A verdade é que os cuidados de saúde no Litoral funcionam, quando funcionam, a apenas um terço do que seria aconselhável”, diz ao Semmais o coordenador da estrutura, Dinis Silva.

Os partos à beira da estrada, explica ainda o dirigente da organização que congrega os utentes de Grândola, Alcácer do Sal, Santiago do Cacém e Sines, diz que “já entraram na rotina os nascimentos de crianças em ambulâncias que são obrigadas a parar à beira da estrada”. “Ninguém compreende como é que não existe uma maternidade. As mulheres, para darem à luz, têm

de ir para Beja ou para Setúbal, ambas a cerca de 100 quilómetros de Santiago (onde se localiza o Hospital do Litoral). Muitas vezes não chegam a tempo e, há cerca de dois anos, até se registou uma morte”, acrescenta.

O representante da Coordenadora explica que têm sido muitas as diligências efetuadas, em conjunto com as autarquias locais, junto do Ministério da Saúde: “O que nos dizem é que não é possível termos uma maternidade. Isto apesar de ela já ter existido no antigo Hospital de Santiago do Cacém. Aliás, quando da construção do atual hospital, havia um espaço desti-

nado a este serviço. Eram cerca de 1.200 metros quadrados onde só faltava colocar o equipamento necessário. A conclusão a que chegamos é que o Estado deixa a região ao abandono porque quer, porque não tem interesse em investir no Serviço Nacional de Saúde”.

Especificando outras carências detetadas na saúde do Litoral, Dinis Silva refere que “apenas existe um médico urologista para quase 100.000 pessoas” e que “de cada vez que é preciso fazer uma cirurgia nessa área tem de se encomendar um especialista a Lisboa”.

Não se ficam por aqui as reclamações e denúncias de falta



de pessoal. “Neste momento, de acordo com os dados disponíveis, são já 20 por cento as consultas, cirurgias e exames que estão acima dos tempos máximos de respostas garantidas”, garante ainda o mesmo responsável, lembrando que há uma extensão de saúde em Canal Caveira, que só tem consultas médicas uma vez por mês e que o futuro Centro de Saúde de Santiago do Cacém, cuja concretização vinha a ser reclamada há mais de 30 anos e onde obras ainda decorrem, “não tem prazo para conclusão”. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

# IPS no pódio do Poliempreende com solução tecnológica para prevenção de incêndios

Ideia, que coloca a Inteligência Artificial (AI) ao serviço da deteção e resposta rápida aos incêndios florestais, foi concretizada pelo diplomado Francisco Cerveira e o irmão Tomás Cerveira, que receberam um prémio no valor pecuniário de cinco mil euros.

O INSTITUTO Politécnico de Setúbal (IPS) foi distinguido na 21.ª edição do Poliempreende com o projeto “Ignitronic”, conquistando o 2.º lugar no concurso promovido por esta rede de empreendedorismo nacional no ensino superior politécnico, que reuniu no início de setembro na Universidade de Aveiro duas dezenas de instituições.

O referido projeto que, segundo a nota recebida pela nossa redação, “coloca a Inteligência Artificial (AI) ao serviço da deteção e resposta rápida aos incêndios florestais”, foi concebido por Francisco Cerveira, diplomado da Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE/IPS), em parceria com o irmão, Tomás Cerveira.

“De forma objetiva, o propósito central da ‘Ignitronic’ é proteger os nossos bens, as nossas vidas e as nossas florestas. Atuamos em três frentes: prevenção, predição e resposta. Usamos a tecnologia para antecipar riscos, prever o comportamento do fogo e reagir de forma rápida e coordenada. Mais do que combater incêndios, queremos que num futuro próximo já não se percam vidas para as chamas”, explica o jovem empreendedor na referida nota de imprensa.

Para Francisco Cerveira este projeto de negócio apresenta-se como um “contributo importante” para “mudar o paradigma” no que toca à prevenção e combate aos incêndios florestais”,



IMAGEM DR

que considerou serem “cada vez mais intensos e devastadores”.

A conquista do 2.º lugar no pódio do Poliempreende representou ainda a atribuição de um prémio no valor pecuniário de cinco mil euros, patrocinado

pelo Santander. Os irmãos consideram que este reconhecimento “representa a concretização de todo o trabalho feito até aqui” e o valor atribuído “será fundamental para o próximo passo: captar mais investimento e avançar

com uma candidatura a programas europeus, que nos permitirão escalar o projeto”.

A dupla destacou ainda o apoio ao empreendedorismo prestado pelo IPS, nomeadamente através do acompanhamento de técnicos e docentes, para a concretização desta ideia. “Este apoio foi determinante para transformar a ‘Ignitronic’ de uma simples visão em algo concreto. Todo este ecossistema proporcionou-nos não apenas orientação e mentoria, mas também o espaço para validar a ideia e contactar com pessoas com conhecimentos e experiência em diversas áreas”, afirmam os jovens.

O Politécnico de Setúbal conta já com um histórico considerável de prémios no contexto do Poliempreende, nomeadamente três primeiros lugares (2010, 2017 e 2021) e dois terceiros lugares (2013 e 2018). ■

TEXTO DAVID MARCOS

PUBLICIDADE

## EXPOSIÇÕES EXHIBITIONS

6 SET SEPT 25 — 11 JAN JAN 26



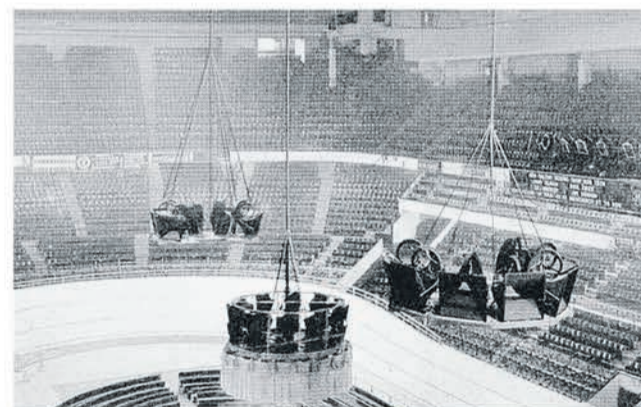
Jessica Warboys

HISTÓRIA  
ARMADURA  
STORY ARMOUR



Catarina Marques  
Domingues

MEIO-DIA. A HORA  
DO CORAÇÃO  
MID-DAY. THE HOUR OF THE HEART



João Pimenta Gomes

LINE ARRAY

CASA DA CERCA  
Centro de Arte Contemporânea  
Rua da Cerca, 2800-050 Almada



# UGT alerta para os perigos que as novas leis laborais acarretam

Em declarações ao Semmais o presidente da estrutura sindical, Manuel Fernandes, diz que a precariedade e a falta de especialização são ameaças reais, tal como os despedimentos e a continuação de pagamentos de baixos salários.

“INCOMPREENSÍVEL”, “injustificado” e “de certeza muito lesivo para o distrito de Setúbal”. É assim que o presidente da UGT - Setúbal classifica o anteprojeto que visa alterar as leis laborais. Os sindicatos temem que a ser aprovado, aumente a precariedade, que diminua a atratividade e que as empresas acabem, “por uma questão de gestão”, por perderem capacidade de atrair mão de obra especializada, que continua a ser uma das principais carências no setor industrial.

“É difícil, no pacote que o Governo apresentou, elencar alguma lei que seja mais nefasta ou mais favorável para os trabalhadores. Porquê? Porque não conseguimos perceber no conjunto de medidas propostas uma só razão para que se proceda a uma alteração laboral e social”, explicou ao nosso jornal o presidente da UGT setubalense, Manuel Fernandes.

O responsável, falando em nome dos muitos sindicatos representados, afirma que o projeto apresentado pela ministra do Trabalho e da Solidariedade Social, Maria do Rosário Ramalho, é desadequado à realidade do país. “Não vivemos nenhuma situação de emergência económica ou social, como aconteceu, por exemplo, quando da vinda da troika. Não existe nenhuma situação de desespero e até estamos a passar por uma fase em que o desemprego atingiu os níveis mais baixos dos últimos 27 anos. Parece-me que estamos apenas na presença de um projeto apresentado por alguém que já pensava assim mesmo antes de ter chegado ao Governo. Acontece que esse projeto não é, no nosso ponto de vista, condizente com a realidade deste século”, adiantou.

Manuel Fernandes entende que a serem aprovadas as novas medidas “desaparece o pouco equilíbrio que ainda existia nas negociações entre empregadores e trabalhadores”: “Parece que se está à procura, apenas, de atingir a empregabilidade em massa. Ficam esquecidas questões tão importantes como a garantia de ter emprego seguro, porque os despedimentos ficam muito mais facilitados. Assim, ficam igualmente limitadas condições como a atratividade, porque serão muito menos os que irão pretender trabalhar num sistema laboral precário, e afeta-se igualmente a especialização, tão necessária e importante para a indústria do distrito”.

O presidente da UGT de Setúbal diz, por outro lado, que o distrito, onde ainda subsistem algumas das principais indústrias do país, “corre



Presidente da UGT Setúbal diz que projeto do governo é desadequado à realidade

o risco de ser o mais afetado”: “Bancos de horas individuais ou contratos a prazo não são, de certeza, incentivo algum. Com as medidas que estão a ser anunciadas, até parece que se está a desprezar a industrialização e a trabalhar para a precariedade”.

## A FALÁCIA DO SEGUNDO MAIOR SALÁRIO MÉDIO

Insistindo na ideia de que o distrito poderá ser o mais prejudicado caso o anteprojeto governamental vingue, o dirigente da UGT lembra que nem as estatísticas oficiais que tantas vezes são apresentadas como uma atra-

ção para novos trabalhadores servem para camuflar a realidade. “Dizem que o distrito é o que tem o segundo salário médio. Isso é uma falácia. Ninguém refere, por exemplo, que é também aqui que existe a maior desigualdade salarial”, referiu.

“As estatísticas fazem conta aos altos e até obscenos salários auferidos por CEOs e membros dos conselhos de administração das principais empresas. Não referem, no entanto, que os constantes aumentos destes cargos não têm correspondência no que se paga à generalidade dos trabalhadores. Se os que dirigem ganham mui-



to, a verdade é que as bases são muito mal pagas. Sei de empresas onde numa equipa produtiva, o chefe da mesma é recompensado com quatro salários, ao passo que os chamados chão de fábrica recebem apenas 1,25 salários”, acrescentou.

Manuel Fernandes diz que existem “grandes desigualdades salariais em área sectoriais” e que essas diferenças afetam até empresas com grande capacidade exportadora: “Na agricultura ganha-se muito mal, quase sempre o salário mínimo, e quase não existem possibilidades de progressão na carreira. Isto apesar de existirem muitas empresas de grande dimensão que são essencialmente exportadoras. O mesmo se passa nas pescas, onde os salários continuam a ser muito baixos apesar de, muitas vezes, os resultados financeiros serem apelidados de muito interessantes”.

“A ideia que fica é a de que a economia parece assentar cada vez mais em baixos salários, precariedade e falta de qualificações. Facilitam-se os despedimentos e tenta-se aumentar o outsourcing (contratações de terceiros para desempenharem tarefas por tempo determinado. Reduzem-se custos à custa dos trabalhadores”, referiu ainda. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO



## “Adivinham-se muitos conflitos sociais e laborais”

O ANTEPROJETO laboral apresentado no final de julho aos sindicatos não deixou tempo para discussões, uma vez que logo de seguida vieram as férias. No entanto, para os responsáveis da UGT, não foi necessário um período alongado de reflexão: “A nossa resposta ao que foi sugerido foi um rotundo não. O que esperamos é que já agora no início de setembro sejam marcadas reuniões com o primeiro ministro e a ministra do Trabalho e Solidariedade Social para que possamos discutir diversos pontos”.

O presidente da UGT de Setúbal entende que “tudo o que foi sugerido é fantasioso” e, por isso, “impossível de ser aceite pelos sindicatos”. “Acreditamos que o próprio Governo está apenas a fazer um teste. Questões que têm sido muito faladas na comunicação social, como o período das licenças de amamentação ou a parental deverão cair. O Governo deverá retirá-las até porque só terão sido lançadas para que não se desse tanto ênfase a outras mais gravosas, como as que facilitam os despedimentos”, disse ao Semmais.

“O Governo tem reunido com a CIP (Confederação Empresarial de Portugal). Essas reuniões não substituem as que devem ser mantidas com os sindicatos, que representam a esmagadora maioria dos trabalhadores. São estas reuniões, em sede de concertação social, que deverão ser valorizadas”, disse ainda, adiantando que a UGT pretende reunir em breve com os representantes da área empresarial setubalense para “sabermos quais os apoios reivindicados pelas empresas e desse modo podermos transmitir aos ministros as reais necessidades para que cada instituição possa continuar a desenvolver a sua atividade”.

Para o sindicalista subsistem também algumas dúvidas em relação a eventuais negociações entre

o Governo e os responsáveis empresariais do distrito, uma vez que poderão estar em curso conversações e trocas de informações que possibilitem às empresas vir a decidir os aumentos salariais tendo como base o anteprojecto laboral sugerido e ainda não aprovado: “Se isso for verdade, e pretendemos saber se é assim ou não, é muito grave. Significa que há quem tenha informação privilegiada sobre as medidas e que sustentado por esse mesmo conhecimento esteja a retardar propositadamente as negociações com os trabalhadores”.

O que poderá acontecer caso o Governo insista em levar por diante as ideias de Maria do Rosário Raimundo? Para o responsável da UGT as propostas da ministra, por não agradarem “tanto na forma como no conteúdo”, poderão conduzir, em última instância, a “um conflito laboral de largas escala”. “Adivinham-se muitos conflitos laborais e sociais, os quais podem mesmo levar à convocação de uma greve geral”, referiu.

“Estamos, pelos vistos, a regredir socialmente e a caminhar novamente para o tempo do autoritarismo e da precariedade. Numa altura em que ainda nem sequer estão a ser aplicadas todas as medidas constantes da agenda de trabalho digno, já se está a tentar inverter o caminho. Os sindicatos não deverão permitir isso, sobretudo porque não existem razões para que sejam aceites novas mudanças na lei”, disse ainda Manuel Fernandes, lembrando que a estabilidade a que alude se expressa também na taxa de desemprego no distrito, que há dois meses era de apenas 6,1 por cento e que atualmente deverá acompanhar os indicadores do país, que são de 5,8. ■

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

PUBLICIDADE

DIGITAL  
**sem  
mais**



TUDO EM  
**semmais.pt**

f /jornalsemmais  
f /semmaisedicaooalentejo

**Informação segura e confirmada.**  
24 HORAS POR DIA

ESTRATÉGIA LOCAL DE HABITAÇÃO PREVÊ A INTERVENÇÃO EM 308 FOGOS

# Setúbal investe mais de 22 milhões na reabilitação do Bairro Afonso Costa

Projeto prevê beneficiar o interior das habitações, mas também substituir infraestruturas como coberturas, janelas, redes de água, eletricidade, gás e esgotos.

TEXTO DAVID MARCOS

O MUNICÍPIO de Setúbal continua a avançar com a Estratégia Local de Habitação, depois de ter aprovado, recentemente, a empreitada de reabilitação no Bairro Afonso Costa que, orçada em mais de 22 milhões, prevê beneficiar 308 frações municipais e áreas comuns de 36 edifícios.

Ao nosso jornal, a autarquia disse que as intervenções incidem, sobretudo, nas “cozinhas e casas de banho”, bem como na substituição de infraestruturas como “coberturas, janelas e redes de água, eletricidade, gás e esgotos”. A empreitada abrange também a “substituição de todos os telhados, incluindo a laje de esteira e reabilitação integral das fachadas”.

Na apresentação da empreitada, André Martins, presidente da câmara, apelou à paciência

e participação dos moradores, que vão ser realojados em soluções temporárias, e incentivou-os a aceitarem o processo, com vista ao resultado final trazido pelas obras. “Sabemos que é um esforço deixarem a vossa casa durante seis meses, que é o tempo médio de intervenção em cada habitação. Vão para apartamentos modulares que têm boas condições de habitabilidade, incluindo ar condicionado. Falem com os moradores dos outros bairros, já foram entregues casas, não foi fácil, mas valeu a pena, porque o resultado é muito diferente do que existe atualmente”, sublinhou.

Além desta solução temporária, a edilidade disse ao Semmais que “todas as despesas decorrentes de instalação e faturação de consumos



de serviços de água e eletricidade estão a cargo do município” e que “o pagamento de renda da habitação atribuída a cada agregado fica suspenso desde a saída da habitação até ao regresso, após conclusão da obra”. Além disso, “os contratos de fornecimento de

serviços (água, luz e gás) da habitação em obra ficam suspensos”.

## JÁ FORAM ENTREGUES 133 HABITAÇÕES

Recorde-se que as obras em curso no parque municipal arrancaram em 2022, estando a de-

correr em bairros como Manteigas, Alamedas das Palmeiras, Forte da Bela Vista, Bela Vista e Quinta do Freixo. De acordo com dados fornecidos pela autarquia, a soma do investimento já realizado nestes bairros ultrapassa os 15 milhões. “Já foram entregues 133 habitações reabilitadas, de um total de 835, em quatro empreitadas financiadas pelo PRR com o valor global de cerca de 73 milhões. No âmbito do PRR/1º Direito, encontra-se igualmente a decorrer obra em 88 habitações, numa empreitada de cerca de cinco milhões. Na Quinta de Santo António o investimento previsto é superior a de sete milhões”, revela o município.

“Estamos a valorizar o património do município e a criar as condições para que as pessoas que ali vivem tenham melhores condições. É uma grande responsabilidade, estão a ser investidos 160 milhões”, disse André Martins. ■

## Projeto “Uau! Sesimbra” promete revolucionar comércio local

ENCONTRA-SE em implementação o projeto inovador “Uau! Sesimbra” que, liderado pelo município em parceria com a Associação da Hotelaria, Restauração e Similares (AHRESP), promete, através da digitalização e tecnologia impulsionar, o comércio local. O investimento estimado é de cerca de 900 mil euros, feito ao abrigo de uma candidatura ao Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

O projeto resulta de um trabalho de diagnóstico feito junto dos comerciantes da vila durante 10 meses. “Os dados que vamos recolher e disponibilizar aos comerciantes pretendem mudar a relação com os clientes e adequar a resposta áquilo que procuram. Queremos fortalecer o comércio local, criar uma plataforma unificada digital e aumentar as vendas online. Para além de aumentar os negócios, temos o objetivo de formar os comerciantes para que estejam à vontade para mexer nestas tecnologias. A primeira forma-

ção é já entre este mês e outubro, com a AHRESP e o Turismo de Portugal, dedicado à fotografia gastronómica”, avançou Susana Barros, gestora do Bairro Comercial Digital.

Segundo a mesma responsável, a implementação do projeto já permitiu a criação de um “marketplace”, em marketplace.uausesimbra.pt, que conta com cerca de uma centena de aderentes em ofertas tão diversas como no mercado municipal, comércio local, restaurantes, saúde e bem-estar, serviços e turismo e aventura.

Outra das entidades parceiras é a NOS, vencedora do concurso lançado pelo município, que será responsável pela recolha e fornecimento de dados de clientes e visitantes para a plataforma. “Através da triangulação das torres de telecomunicação vamos fornecer ao município e comerciantes quanto tempo é que as pessoas ficam, se os visitantes dormem cá, qual a nacionalidade, o tempo de

permanência, entre outros. Com estes dados conseguimos fazer comparações para determinados espaços temporais e perceber se houve uma evolução de movimento. Isto é muito importantes para que o município e os comerciantes possam ajustar o seu produto e adequar a resposta a estes dados”, explicou Filipe Soares Franco, representante da empresa de telecomunicações.

“Gostávamos de chegar não apenas aos 265 comerciantes pré definidos. 95 por cento do comércio da vila é de micro e pequenos empresários e isso não é mau, oferece-nos uma identidade própria e uma marca diferenciadora. Estamos a falar de uma transformação digital e de uma modernização clara do território que vai valorizar o nosso tecido empresarial”, disse Francisco Jesus, presidente da autarquia local, no decorrer da apresentação. ■

TEXTO DAVID MARCOS

## Autarquia sadina pressiona DataRede

SERÁ CERTAMENTE o Tribunal a decidir o futuro do atual modelo de estacionamento tarifado em Setúbal, já que o município votou por unanimidade, na última reunião do executivo, a proposta da CDU, para a resolução do contrato com a DataRede, estabelecido a 40 anos. Decorre o período legal para a empresa reagir à decisão da autarquia, mas a crença é que a mesma conteste e que o processo avance para tribunal.

André Martins, presidente da edilidade, diz que vai pedir à empresa uma indemnização por considerar que foram causados prejuízos ao interesse público e às populações. “Fomos alertando a empresa para o que estava a ocorrer e que não estava a ser cumprido. O processo foi-se arrastando e chegamos a esta situação. A própria empresa, na última notificação que enviamos, reconheceu o incumprimento e disse que iria regularizar este e outro ponto. Basicamente este é o reconhecimento de que, ao longo deste tempo todo,

a câmara tinha razão. Contudo, continuaram os incumprimentos, como a retenção de receita que era devida ao município; continuou a não constituir uma empresa local para gerir este contrato; e um dos outros grandes incumprimentos foi continuar a não dar resposta ao estacionamento subterrâneo que tinha de construir no centro da cidade”, argumenta o autarca ao Semmais.

Segundo avançou o Público, a empresa deverá pedir, para já, a devolução de 3,5 milhões dos cerca de 4 milhões que diz ter pago inicialmente pela concessão. O presidente da câmara, apesar de não avançar com um número concreto, afirma que a indemnização a pagar ao município é superior. “Não sei ainda o valor e isso será apurado no tempo certo e o processo decorrerá em tribunal. Face ao que está levantado, temos a confiança que o nosso pedido será muito superior”, afirma o edil. ■

TEXTO DAVID MARCOS

# SETÚBAL



# CONNECT

Comércio • Cultura • Património

## A ALMA DE SETÚBAL

# CONECTADA

## EM CADA ESQUINA

### BAIRRO COMERCIAL DIGITAL



site



loja online



mupis interativos



pontos de wi-fi gratuitos



realidade aumentada



bancos inteligentes

Consórcio



Financiamento



[setubalconnect.pt](http://setubalconnect.pt)

NOVO TREINADOR CONHECE OS CANTOS À CASA NO VALE DA ROSA EM SETÚBAL

# Yerai Martín motivado com projeto do Racing Power FC

Técnico de 32 anos substitui Manolo Cano, que recentemente saiu para a China. Emblema que se mudou para a cidade do Sado vai disputar a principal divisão feminina pela terceira temporada consecutiva.

**TEXTO** DAVID MARCOS

O RACING POWER FC, emblema que concretizou a mudança para Setúbal, arranca oficialmente a temporada este domingo frente ao pentacampeão nacional Benfica, marcando o início do seu terceiro ano consecutivo na Liga BPI, o principal escalão do futebol feminino nacional.

No quartel general do clube, agora instalado no Complexo Municipal de Atletismo de Setúbal, no Vale da Rosa, já trabalha o novo técnico Yerai Martín. O novo comandante, chega depois de ter orientado o Eibar desde 2022, na principal divisão feminina no país vizinho. “Estive três épocas nessa equipa e pensei que o melhor era encerrar esse ciclo, porque vivemos coisas boas. Senti que precisava de algo e de um estímulo novo, para também evo-

luir e interromper esse ciclo de três anos, onde foram feitas coisas boas, mas naturalmente que há algum desgaste. Recebi algumas propostas de outros clubes, mas queria uma equipa com objetivos mais altos como pode ter o Racing Power. Não pensei muito quando me fizeram o convite, já seguia a Liga Portuguesa e conhecia um pouco do Racing”, conta o treinador ao Semmais.

O treinador basco de 32 anos substitui no comando técnico Manolo Cano, que tinha chegado ao clube em janeiro e que, apesar de ter feito a pré época, saiu do clube e rumou à China. O pouco tempo com a equipa faz com que a estreia frente ao Benfica assuma ainda mais pressão. “Não são datas normais para um treinador e só temos uma semana para preparar a equipa. O calendário marca as prioridades e essa, neste momento, é o Benfica. É o campeão e a maior

equipa em Portugal, mas a derrota na supertaça demonstra que há muito nível e competitividade em Portugal. Estamos a preparar o máximo possível essa partida. Por exemplo, já havia uma planificação física e decidimos continuar com esse processo. Nos próximos treinos já conseguiremos avançar com outras prioridades”, sublinha Yerai Martín.

**TÉCNICO QUER IMPLEMENTAR IDEIAS DE JOGO**

Apesar das muitas mexidas no plantel, com 11 saídas e 15 entradas, o treinador espanhol parece ter gostado do que encontrou e tem bem definido o que quer que as suas jogadoras façam em campo. “O plantel é amplo e com soluções distintas. Quero que a equipa seja organizada, agressiva e intensa, bem como que dê muita luta sem a bola. Essas são as principais ideias que vamos começar a trabalhar. A partir daí queremos



IMAGEM DR

definir as coisas e que os adeptos onde nos vão ver possam reconhecer a equipa, na sua forma jogar. Queremos ser organizados defensivamente, ter um trabalho bem definido sem bola e com bola. Gosto que a equipa seja vertical e que ataque a área também por cruzamentos. Naturalmente, também vamos ter que nos adaptar à realidade dos jogos”, avança o técnico.

Depois de ter terminado a temporada passada no 6.º lugar, Yerai Martín olha para o momento do clube de forma ambiciosa e deixa o mote para o futuro: “O Racing está num crescimento contínuo e quero ajudar nesse crescimento. O clube tem meios e está a trabalhar para melhorar esses meios. Acredito que se vai ver isso ao longo da época”. ■

## GD Sesimbra regressa à Elite do futebol de praia nacional

Conjunto orientado por Durval Pinto bateu na final o CF Chelas, por 6-2, depois de na meia-final ter deixado para trás o Caxinas Poça Barca, por 4-3.

**APENAS** uma temporada volvida da descida da Divisão de Elite, o GD Sesimbra vai voltar a conviver com os grandes no maior palco do futebol de praia português, depois de recentemente se ter sagrado campeão no Campeonato Nacional da modalidade.

Em Matosinhos, no final de agosto, o clube culminou a grande temporada, batendo na meia-final o Caxinas Poça Barca, por 4-3, e na grande final o CF Chelas, por 6-2. “Este foi sempre o nosso objetivo, regressar o mais rápido possível à Elite. Isso foi estabelecido e trabalhado com os jogadores, o mister Durval e a equipa técnica desde o início. Era um objetivo muito ambicioso, mas sabíamos que era possível atingir

essas metas, fruto daquilo que tínhamos disponível na equipa”, explica ao Semmais António Soromenho, presidente adjunto do GD Sesimbra e diretor para o futebol de praia.

A ambição de conquistar o troféu e o regresso ao principal escalão era partilhado pelos jogadores e equipa técnica, desde a descida de divisão no ano passado. “No fim da temporada passada falei com o António, ele enquanto diretor e eu como coordenador, e estabelecemos esta estratégia. O plano foi ser campeão nacional com a equipa principal e também fazer subir de divisão a equipa B. Sabíamos que tínhamos de reforçar a equipa A e dar espaço para alguns jogadores voltarem à



IMAGEM DR

B para continuarem a evoluir. No princípio foi duro, mas sabíamos que precisávamos de reforçar a equipa A. Na apresentação passámos a nossa ideia, os jogadores aceitaram e foi fácil porque são bons atletas”, acrescenta Durval Pinto, treinador da equipa.

Para atacar a temporada, além de dispor de um plantel

cheio de ‘prata da casa’, onde se incluíram alguns jogadores da equipa principal de futebol 11, o Sesimbra apostou em contratações cirúrgicas. “Definimos à partida que precisávamos de um guarda-redes, dois alas e um fixo e fomos à procura. O António tem um grande conhecimento de futebol de praia. Conseguimos

falar com algumas pessoas do Brasil e trazer alguns jogadores”, explica Durval Pinto. “A base em si não foi difícil de estabelecer, porque temos muitos jogadores de Sesimbra que gostam de futebol de praia e sentem o clube. Isso ajuda muito”, acrescenta António Soromenho.

O treinador do emblema assume a ambição do clube e a dignidade com que é tratada a modalidade. “O Sesimbra dá todas as condições. Para um jogador estrangeiro, por exemplo, não é fácil estar tantos meses afastado da família, mas chegam aqui e encontram um suporte forte. Temos excelentes condições, não lhes falta acompanhamento de ginásio, médico, direção e dos treinadores. O jogador sabe que pode receber mais noutra clube, mas sabendo das condições do Sesimbra, não pensa duas vezes e vem para cá”, reitera Durval Pinto. ■

**TEXTO** DAVID MARCOS

# TRIVALOR

Servimos bem-estar.

[www.trivalor.pt](http://www.trivalor.pt)



Visite-nos!



IMAGENS DR

TEATRO ESTÚDIO FONTENOVA ASSINALA QUATRO DÉCADAS DE ATIVIDADE

# “O teatro tem de inquietar, fazer pensar e refletir sobre a vida e a sociedade”

José Maria Dias, diretor da companhia sediada em Setúbal, faz o balanço da atividade da estrutura artística. Ao Semmais, fala ainda da criação e promoção da Festa do Teatro que conta já com 30 anos.

**ENTREVISTA** DAVID MARCOS

## Em que contexto surge o Teatro Estúdio Fontenova?

Nascemos numa circunstância um pouco negativa em Setúbal. A cidade tinha vários grupos de teatro amador, alguns que surgiram antes do 25 de Abril, outros que foram aparecendo pouco depois, mas a verdade é que em 1985 tinham desaparecido quase todos. O grupo profissional que, entretanto, se instalou em Setúbal também catalisou os elementos mais preponderantes desses grupos que foram ficando desfalcados. Nessa altura havia a “Teia”, “Vozes Acesas”, o grupo da Palhavã, o da Capricho, o “Sobe e Desce” e a “Presença”, que sentiam muitas dificuldades. Os elementos mais resistentes acharam que o teatro não podia ficar simplesmente reduzido a esse grupo profissional e juntaram-se para formar o Fontenova. O nome surgiu após as primeiras reuniões que tivemos na Anunciada, sobre uma nova estrutura, uma nova fonte, uma nova forma. Daí a ideia do termo Fontenova.

## Artisticamente o que é que queriam apresentar?

Levámos algum tempo para definir essa linha, até porque havia pessoas de diferentes grupos e influências. Depois, logo ao início, tivemos um revés porque o Fernando Guerreiro, que nos dirigiu na fundação e encenou o primeiro espetáculo, a 15 de setembro de 1985, acabou por sair para o Teatro de Animação de Setúbal e ficamos sem a linha estética condutora. Nessa altura, cheguei-me à frente. Não sei se bem ou mal, mas des-

de aí que fiquei à frente do Fontenova. Depois de, talvez, seis produções é que a linha começou a ser definida. Não se baseia apenas num estilo, a única coisa que nos preocupa é não fazer o teatro como entretenimento puro. Queremos que seja entretenimento, mas que tenha alguma intervenção. As pessoas não podem ir ao teatro e ficarem indiferentes. O teatro tem de inquietar, fazer pensar, refletir sobre a sua vida, a sociedade, os problemas e os assuntos que estão na ordem do dia.

## Em que espetáculo é que essa linha ficou definida?

Foi algo que foi acontecendo, não houve propriamente um divisor de águas. Mas posso dizer que a coisa encarrilou e definiu a estética que procuramos promover ainda hoje a partir da peça “As Mãos de Abraão Zacut”, estreada em 2000. Foi uma encenação muito imersiva, em que o público entrava e participava no espetáculo sem dar por isso. A peça abordava a história de várias famílias e pessoas judias que eram levadas para um campo de concentração e exterminadas. Termina com alguns resistentes que foram libertados com a derrota dos nazis. Esse percurso é muito imersivo e difícil. Colocámos parte do público nesse grupo de judeus, quando à entrada lhes foi colada uma Estrela de David na roupa e eram tratados da mesma forma que os atores, que se misturavam com o público. As pessoas não participavam verbalmente, mas acompanhavam. Os homens eram divididos das mulheres, tiveram de estar durante cerca de duas horas em pé, sem se sentarem. Portanto, sofreram um bocadinho



“*Debatemo-nos ainda com o desafio de termos uma sala de espetáculos própria.*”

**O Festival Internacional de Teatro de Setúbal (Festa do Teatro) é uma das grandes marcas da companhia. Contribuiu ativamente para a consolidação da vossa atividade?**

Sim e acaba por ser o reflexo da nossa história. O primeiro festival foi basicamente uma mostra para celebrar os 10 anos de atividade. Já tínhamos consolidado muitas parcerias e amiza-

des com outros grupos, outras terras e pessoas, o que nos permitiu fazer um festival com custos baixíssimos. Fizemos três anos seguidos, mas em 1998 tivemos um ano terrível, com uma ordem de despejo do senhorio que acabou por ser efetivada. Nesse ano decidimos concentrar todos os esforços para resolver esse problema e não realizámos o festival. Conseguimos encontrar outro espaço, com o apoio da câmara, e voltámos com o festival em 2000. Em 2002 fomos conseguindo alguns apoios financeiros para fazermos as nossas produções. Nesse ano, com a mudança de executivo, soubesse que a câmara estava com uma enorme dívida e o festival não foi pago. Ficámos com dívidas, mas assumimos o compromisso de que não poderíamos voltar a fazer o festival sem pagar o de 2002. Retomámos em 2004 e, desde essa altura, com o apoio da câmara e outros pontuais, como da tutela, temos feito sem interrupções.

## Quais são os principais desafios da companhia?

Neste momento estamos no terceiro ano do apoio sustentado quadrienal da DGArtes e já nos candidatamos para o próximo, que será a partir de 2027. Atualmente, temos seis trabalhadores fixos, a que se junta outro staff que pontualmente ajuda nas produções. Anualmente conseguimos preparar duas estreias, que ocorrem sempre no Fórum Luísa Todi, ou então reposições, performances e outras atividades. Debatemo-nos ainda com o desafio de termos uma sala de espetáculos própria, ou uma de média dimensão em Setúbal, que possa responder de forma adequada às nossas necessidades, de outras companhias e da própria cidade. Aliás, essa é uma das razões para a Festa do Teatro não crescer ainda mais, pois temos as nossas infraestruturas esgotadas. E o Fórum está virado para grandes produções e não é adequado a algumas apresentações que queremos fazer.

## A nível de produções, o que têm programado?

Em novembro, por exemplo, vamos estrear “O Erro de GTPO”, que alude ao Gepetto que criou o Pinóquio à sua imagem, mas teve um erro e percebeu que o Pinóquio é outra coisa. Com isso vamos ao encontro das dificuldades que tantas pessoas sentem para perceberem o que são e de como se podem integrar na sociedade. ■

# M.A.R dinamiza Sines com mais de duas dezenas de apresentações

Mostra volta a passar por vários pontos da cidade como o Castelo, Largo Poeta Bocage, Capela da Misericórdia, antiga Estação de Comboios, Largo 5 de outubro, Alameda da Paz e Avenida Vasco da Gama, entre outros.

**SINES VOLTA** a ser palco da Mostra de Artes de Rua que, entre esta sexta-feira e domingo, oferece um vasto cartaz de apresentações e espetáculos em vários locais emblemáticos da cidade. Circo, instalação, teatro, dança, música, performance, jogos interativos e outros atrativos disciplinares são as propostas do evento promovido pelo Teatro do Mar, em co produção com a autarquia local.

“Sines tem muitas particularidades, aqui convivem a história e a modernidade, a paisagem natural e a indústria. Estes contrastes provocaram um problema de identidade e, nós, procuramos que haja uma reconciliação das pessoas com o território e promover uma identidade para a cidade, que é cada vez mais multicultural. Os espetáculos distribuem-se por uma série de locais, com uma maior concentração no centro histórico. Esta aproximação com a memória é um dos nossos objetivos”, avança Julieta Aurora Santos, diretora artística do certame, ao nosso jornal.

Nesse sentido, o programa oferece 24 apresentações de 20 projetos com artistas de oito países (Portugal, Espanha, França, Itália, Bélgica, Finlândia, Reino Unido e Japão) e atividades de proximidade com o público. “É difícil destacar alguns espetáculos, porque têm todos uma contextualização na escala horária da mostra. São projetos de abordagens muito diferentes, todas de carácter contemporâneo e que se aproximam de muitas disciplinas, alguns são mesmo multidisciplinares, mas há um foco no circo contemporâneo, na dança, na performance e na instalação”, revela.



Segundo Julieta Aurora Santos, um dos grandes destaques desta edição é o crescimento da presença de projetos nacionais no cartaz, que atinge uma dezena, equiparando-se aos internacionais. “As criações nacionais estão a acontecer mais do que aconteciam normalmente e acho que isso, também, se explica com o facto da Direção-Geral das Artes e o ministério da Cultura terem atribuído às artes de rua apoios. Felizmente estão a crescer muito mais”, comenta a diretora artística.

A caminho de celebrar o 10.º aniversário, a Mostra tem já um legado na programação cultural que ultrapassa

as fronteiras de Sines. “Considero que é um ato de resistência. O Teatro do Mar faz 40 anos em março de 2026 e a maior parte da nossa existência foi dedicada à criação para o espaço público. Não temos nenhuma ambição de fazer crescer a mostra de forma desmesurada, ela terá um crescimento natural e sustentado sempre, para mantermos esta dimensão de proximidade, não apenas com o lugar onde acontece com o público, mas também com os artistas. Proximidade é uma das palavras que pode definir a MAR”, assinala Julieta Aurora Santos. ■

TEXTO DAVID MARCOS

## Tiago Correia enaltece fado de origem montijense

“De Aldeia Galega a Montijo: Uma História de Fado”, produzido pelo Cinema-Teatro Joaquim D’Almeida e com a curadoria do fadista montijense Tiago Correia, vai amanhã a palco na Praça Gomes Freire de Andrade, no âmbito da Feira Sabores & Tradições, no Montijo.

O concerto, que percorre a memória viva daquela terra e das suas gentes, homenageia os fadistas e poetas que marcaram a cidade desde os tempos da Aldeia Galega à atualidade. “Esta localidade foi muito importante para o fado e para a poesia. Teve grandes poetas, alguns deles nunca foram cantados no fado e outros, se foram cantados, têm poucos ou nenhuns registos disso. Há muitos anos que desejava celebrar os poetas e fadistas do Montijo”, sublinha Tiago Correia, em conversa com o Semmais.

Em palco com o fadista vão estar Sebastião Pereira, na guitarra portuguesa, João Domingo, na viola, e Paulo Paz, no contrabaixo. Juntam-se ainda convidados como Martim Saragaço d’Aires, Manuela Cavaco e Catarina Dionísio. “A primeira parte do espetáculo é uma homenagem aos poetas nascidos na cidade e que tiveram importância na sua história e a segunda é dedicada aos fadistas da história do concelho. Além dos convidados vamos celebrar os artistas, através de uma homenagem pelo saxofonista Tomás Marques. Não foi fácil montar um repertório para o espetáculo, porque há muita riqueza cultural, mas tentámos incluir aqueles que foram mais importantes na história e que, de certa maneira, têm alguma importância dentro do meu coração”, avança.

Questionado sobre a importância do



Montijo no panorama nacional do fado, quando existem Lisboa e Coimbra, Tiago Correia sublinha influências claras, mas também aspetos próprios que dão riqueza ao fado montijense: “A musicalidade e sonoridade estão muito associadas aquilo que temos no fado de Lisboa. Depois existem coisas muito próprias do Montijo, como a tradição marialva, a tauromaquia, a pesca e os pescadores. No novo fado, por exemplo, eu já escrevi sobre a importância da flor, mas, no geral, anda muito em torno das nossas tradições populares”. ■

TEXTO DAVID MARCOS

## Agenda



### “SENHOR CROC”

A pensar nos mais pequenos, o Solar dos Zagallos acolhe a iniciativa “Miminhos e Leituras”, dedicada à obra da coleção de Jo Lodge que, interpretada por Inês Blanc, apresenta cores vibrantes, janelas e personagens em pop-up.

### Almada

13 de setembro, às 10h30



### “A GRANDE FANTOCHADA”

Hugo van der Ding e Vítor D’Andrade, acompanhados pela pianista Joana Gama, dão vida às marionetas deste espetáculo. Em palco o trio apresenta de uma forma inédita a história de Portugal.

### Setúbal

13 de setembro, às 21h00



### DIEGO EL GAVI

No âmbito da “Músicas do Mundo”, a Fortaleza de Santiago acolhe o concerto de uma das principais vozes nacionais do Flamenco, que sobe ao palco em quinteto com os músicos Victor Zamora, Carlos Mil-Homens, Léo Espinosa e Paulo Croft.

### Sesimbra

13 de setembro, às 22h00



### “ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS”

O Teatro Reflexo leva ao Cinema S. Vicente um clássico da literatura infantojuvenil, da autoria de Lewis Carroll. A adaptação de Michel Simeão fala de empatia, inclusão, tolerância, escolhas, consequências, medo de crescer e do desconhecido.

### Seixal

14 de setembro, às 11h00

# Moita engalana-se para honrar Nossa Senhora da Boa Viagem



Festas voltam a apresentar um forte cartaz de concertos, com nomes como Fernando Daniel, Zé Amora, Quim Barreiros, Mickael Carreira e Pedro Abrunhosa. Mantêm-se a aposta nas atividades tradicionais como a Tarde do Fogareiro.

TEXTO DAVID MARCOS

ENTRE esta sexta-feira e o dia 21 deste mês, a Moita é palco das tradicionais Festas em Honra de Nossa Senhora da Boa Viagem. À semelhança das edições anteriores, antevê-se uma autêntica enchente de pessoas, entre moitenses e visitantes.

“Estas festas começam a preparar-se no momento em que a anterior edição termina. É um trabalho exaustivo, voluntário de um alargado número de pessoas, de diferentes áreas profissionais e de diferentes gostos. Assim, juntamente com o Conselho Coordenador, procuramos chegar a um equilíbrio das iniciativas e das atividades, para irmos ao encontro dos gostos da nossa população, mas percebermos também como agradar a muitos daqueles que nos visitam”, disse ao Semmais Carlos Albino, presidente da câmara da Moita.

Com uma programação extensa e com diferentes atrativos, a base deste certame é a devoção à Nossa Senhora da Boa Viagem, que tem como ponto alto a procissão solene já no domingo, acompanhada pela Charanga a Cavalos da GNR, pela Banda Filarmónica da Moita, a Banda do Rosário, a Banda Filarmónica da Sociedade Musical Instrução e Recreio Aljustralense e a Banda Filarmónica da Ribaldeira. “Esta veneração vai às próprias raízes antropológicas do nosso concelho. A Moita e grande parte da sua população teve sempre uma forte ligação ao rio, eram daqui que partiam muitos produtos hortícolas e frutícolas para Lisboa e os barcos também vinham para cá carregados. O rio, pelas características que tem, nem sempre era tranquilo e tinha as melhores condições de navegabilidade e não havia os meios de socorro e tecnológicos de hoje. Portanto, a devoção à Nossa Senhora e a fé serviam de crença e proteção para fazer essas travessias no Tejo. As pessoas sentiam que nas horas difíceis deviam rogar a Nossa



Senhora. Hoje a realidade é outra, já não existe essa travessia, mas o simbolismo, a tradição e a fé mantêm-se e sabemos que é importante manter este espírito para sabermos de onde viemos e para onde vamos”, defende o autarca.

## TARDE DO FOGAREIRO ATRAI CENTENAS DE PESSOAS

Outro dos momentos mais participados é a Tarde do Fogareiro - que envolve toda a população e milhares de visitantes - que este ano está marcada para o próximo dia 19 na Avenida Dr. Teófilo Braga. “É um grande momento de confraternização e de grande espírito de comunidade. É difícil estabelecer um momento de comparação com outras celebrações, mas é algo único.

As pessoas tomam as ruas e confraternizam, convidam amigos, conhecidos e visitantes e a rua torna-se uma extensão da sua casa. Há todo o tipo de convívios, comidas para todos os paladares e desejamos que as pessoas possam disfrutar desse momento”, assinala Carlos Albino.

Seguindo a forte tradição tauromáquica, além das tradicionais largadas, que decorrem pelas ruas diariamente, a Praça de Touros Daniel do Nascimento é um dos pontos nevrálgicos destas festas, acolhendo três corridas de touros, nos dias 16, 18 e 20, e uma novilhada popular no dia 19. Entre estes espetáculos, que conta com artistas, grupos de forcados e ganadarias de craveira, destaque para a corrida do dia 20 em que se

celebra o 120.º aniversário dos Forcados Amadores da Moita do Ribatejo, que pegam um curro com touros de Conde de Murça e Varela Crujo. Ana Batista, Leonardo Hernandez, Moura Caetano, Emilianio Gamero, André Romero e António Prates são os cavaleiros anunciados.

Na programação, além do Cortejo Marialva, marcado para o dia 21, destaca-se também a forte aposta em concertos com artistas nacionais de referência como Los Romeros, Fernando Daniel, Zé Amaro, Quim Barreiros, Mickael Carreira, Piruka, Soraia Ramos, DJ Kura e Pedro Abrunhosa. De referir ainda para a Festa M80, que acontece este sábado, e para os bailes, arraiais e espetáculos de sevilhanas que decorrem durante os dez dias do evento. ■



**CARLOS CARDOSO**  
GESTOR

## A Miragem Dourada de Tróia a Grândola

planeamento e sem qualquer visão estratégica a longo prazo, a nível de infra-estruturas de apoio. Resultando que só se nota movimento nos dois meses de verão julho e agosto estando os restantes meses como um empreendimento fantasma, um verdadeiro “elefante branco” que se torna um fardo para o território em vez de um motor de desenvolvimento.

Hoje, o que observo entre Tróia e Grândola faz-me temer que estejamos a repetir os mesmos erros. A dimensão das construções em curso, a velocidade a que avançam e a ausência de um plano integrado para o território suscitam dúvidas legítimas sobre a viabilidade económica e social destes empreendimentos. Não será difícil prever que, dentro de alguns anos, muitos deles não irão gerar o retorno esperado e acabarão por ser abandonados pelos próprios investidores.

Mesmo partindo do princípio de que todas as unidades turísticas venham efectivamente a ser concluídas, impõe-se uma questão fundamental:

Quem irá trabalhar nestes empreendimentos? É um problema estrutural, não conjuntural. A história mostra-nos que, quando se constroem infra-estruturas turísticas sem pensar nas comunidades locais, os resultados são previsíveis, falta de mão-de-obra qualificada, ausência de serviços de apoio, limpeza urbana deficiente,

transportes públicos precários, salários baixos e condições de trabalho pouco dignas.

É por isso que insisto, o turismo não se faz apenas com betão. É necessário investir nas pessoas, na formação, na cultura, na mobilidade, na qualidade de vida de quem lá vive. Sem esse investimento humano e social, não há turismo que resista. Sol e praia não chegam. E sem qualidade na experiência oferecida, não haverá turistas que regressem, muito menos que recomendem o destino.

Se nada mudar, receio que o destino de muitos destes empreendimentos seja o abandono fora da época alta, com prejuízos económicos e impacto negativo na paisagem e no tecido social da região.

Gostaria sinceramente de estar enganado. Mas receio que estejamos a construir sobre areia movediça. Pensamos que temos ouro nas mãos, quando na verdade talvez estejamos apenas perante uma miragem.

O potencial da região é indiscutível. Mas não basta projectar hotéis de luxo ou empreendimentos turísticos milionários. É preciso pensar a região de forma integrada, com respeito pelo território e por quem nele vive. Só assim será possível construir um turismo de excelência, duradouro, sustentável e verdadeiramente benéfico para todos.

Hoje apetece-me reflectir sobre a bolha de construção turística que está a crescer entre a península de Tróia e Grândola, uma paisagem que conheço bem desde criança e que me inquieta cada vez mais.

Li recentemente, numa peça do Expresso, que o município de Grândola pretende acomodar o dobro de camas turísticas em relação ao número da população residente. Este dado, por si só, seria suficiente para levantar questões. Mas, tendo vivido o suficiente para testemunhar vários ciclos de crescimento imobiliário desmedido, sinto-me particularmente preocupado. É como se costuma dizer, já vi este filme antes e raramente acaba bem.

Ao longo das últimas décadas, assistimos ao projecto de troia, promovido sem o devido

**EDITORIAL**  
**RAUL TAVARES**  
DIRETOR

## Quando a política se rende ao ruído

As eleições autárquicas de 12 de outubro correm o risco de ser lembradas não pelas ideias em confronto, mas pela espuma dos dias. Em vez de programas discutidos, projetos apresentados ou protagonistas escrutinados, a campanha tem sido feita de pequenas escaramuças nas redes sociais, de provocações e de uma sucessão de episódios menores que pouco dignificam a política local.

O espaço público foi colonizado pela lógica da polémica instantânea. Mais do que convencer eleitores com propostas, importa mais marcar presença no conflito digital, numa disputa de gostos e partilhas que rapidamente substituiu o debate de fundo. Perde-se a substância, ganha a forma.

É inegável que o Chega teve um papel central nesta mutação. O partido introduziu uma forma de fazer política baseada na fratura, no ruído e na agressividade permanente. Esse estilo contaminou o ambiente, empurrando os adversários para um terreno onde o choque rende mais do que a construção. O resultado é um empobrecimento do debate público e um descrédito acrescido da política enquanto espaço de soluções.

Uma eleição local deveria ser o momento, por excelência, para falar de proximidade, de gestão e de futuro das comunidades. Quando essa dimensão é secundarizada em favor da querela nas redes sociais, perde a democracia e perdem os cidadãos. O voto decide-se no dia 12 de outubro, mas a qualidade do debate decide-se todos os dias.

### semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, David Marcos, José Bento Amaro** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Arlinda Correia** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: [publicidade.semmais@mediasado.pt](mailto:publicidade.semmais@mediasado.pt); [Semmaisjornal@gmail.com](mailto:Semmaisjornal@gmail.com) / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica LUSOIBÉRIA, Av. da República, nº 6, 1050-191 Lisboa, / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / [semmais.pt](http://semmais.pt) / [f/jornalsemmais](https://www.facebook.com/jornalsemmais)

# PORTO DE SINES PORTA ATLÂNTICA DA EUROPA



Oferecendo elevados índices de conectividade com ligações diretas regulares aos principais mercados internacionais, Sines é um porto de águas profundas, apto a movimentar quaisquer tipos de navios e cargas.

Dando prioridade ao processo de transição energética, de forma sustentável e com uma forte vertente de inovação e digitalização, o Porto de Sines promove o incremento da competitividade dos importadores e exportadores com soluções logísticas ágeis e eficientes, ao serviço da economia e do hinterland.



PORTO DE  
SINES

[www.portodesines.pt](http://www.portodesines.pt)

# Dona ERMELINDA

FAZ PARTE DA SUA VIDA

UM VINHO  
ÚNICO,  
RARO.

Vinho maturado em barrica pelo período de um ano, seguido de estágio de quatro anos em garrafa. Um tinto único de grande complexidade, elegância, seco e com notas especiadas, fumadas e balsâmicas. Final de boca prolongado e agradável.

*Wine aged in oak barrels for the period of one year, followed by four years in bottle.  
A unique, complex, elegant and dry red wine with spicy, smoky and balsamic notes.  
Long and pleasant aftertaste.*



WWW.ERMELINDAFREITAS.PT



SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.

